

**Da floresta ao morro: as identidades femininas  
em “O Olho da Rua” de Eliane Brum<sup>1</sup>**

*From the forest to the hill: the feminine identities  
in “The eye of the street” by Eliane Brum*

Elidiane Barbosa GALDINO<sup>2</sup>  
Ada Kesea Guedes BEZERRA<sup>3</sup>

### Resumo

O objetivo deste artigo é observar as personagens femininas das reportagens do livro *O olho da Rua*, da jornalista Eliane Brum, conhecida por fazer o que se convencionou chamar de jornalismo sensível ou relato humanizado. Foi adotado o modelo comunicacional de análise discursiva de Patrick Charaudeau (2009) que observa como a identidade social se forma através da identidade discursiva. Para tanto se considerou dois lugares de fala, àquele que compete à personagem e o de quem conta sua história, no caso, Eliane Brum. Foi possível observar a pluralidade de identidades femininas apresentadas e como suas identidades sociais não dimensionam sua totalidade identitária. Contribuíram para este trabalho, pesquisas bibliográficas com foco nas produções de Eliane Brum, bem como em perspectivas teóricas de autores como: Bulhões (2007); Pena (2006); Ijuim (2012); Vicchiatti (2005), entre outros.

**Palavras-Chave:** Jornalismo literário. Relato humanizado. Eliane Brum. Identidades femininas.

### Abstract

The objective of this article is to observe the female characters in the reports of the book *O olho da Rua*, of Eliane Brum, known for doing what is known as sensitive journalism or humanized reporting. It was adopted the communicational model of discursive analysis of Patrick Charaudeau (2009), who observes how social identity is formed through the discursive identity. To this end, two places of speech were considered, the one that is the responsibility of the character and that of the one who tells his story, in this case, Eliane Brum. It was possible to observe the plurality of feminine identities presented and how their social identities do not dimension their totality of identities.

<sup>1</sup> Artigo realizado com base no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado em 2019, para a conclusão de Bacharelado em Jornalismo, na Universidade Estadual da Paraíba

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo, pela Universidade Estadual da Paraíba.  
Email: galdinoelidiane@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: ada.guedes@gmail.com

And how Brum's reportage has a sociological character in seeking to understand the lives and actions of his characters. Contributed to this work, bibliographic researches focused on the productions of Eliane Brum, as well as on theoretical perspectives of authors such as: Bulhões (2007); Pena (2006); Ijuim (2012); Vicchiatti (2005), among others.

**Keywords:** Literary journalism. Humanized reporting. Eliane Brum. Feminine identities.

## Introdução

O jornalismo transmite, de forma democrática e acessível para a coletividade, saberes que poderiam permanecer desconhecidos. Este ofício, portanto, acaba por exercer também a função de influenciar opiniões, comportamentos, discursos. Desse modo, o jornalista quando escolhe seus personagens, a perspectiva de sua narrativa, o ângulo de sua foto, é capaz de criar imagens que compõe o imaginário, e as representações de mudo e de sujeitos. É por essas opções de narrativas e de olhares que alguns profissionais começam a fazer uso do jornalismo literário. Com maior tempo de pesquisa, o repórter insere em suas histórias mais subjetividade e informações detalhadas, podendo também se utilizar do relato humanizado para não reproduzir as crenças, valores e práticas que reforçam uma estrutura de preconceito.

Portanto, este artigo se propõe a discutir a relação híbrida entre jornalismo e literatura para a construção da narrativa, como o jornalista transpõe para seu texto suas experiências e personalidade, além de apreender de que modo o relato humanizado está presente no jornalismo literário e em grandes reportagens. Assim, buscando entender a influência desses recursos nos textos de Eliane Brum, se fez a análise de como a repórter retrata identidades femininas de suas personagens, e como elas mesmas se mostram em suas falas.

Para o estudo foi utilizado o livro-reportagem *O Olho da Rua* (2008), que possui dez reportagens escritas entre 2000 e 2010 quando a jornalista trabalhava na revista *Época*. Foram selecionadas cinco reportagens do livro, que por premissa tem mulheres como protagonistas. As inferências para a investigação seguiram como método de abordagem, o modelo comunicacional de análise do discurso proposto por Patrick Charaudeau (2009), baseando-se nos conceitos de identidade social e identidade discursiva.

Foi possível observar como as identidades femininas foram apresentadas nas reportagens, de acordo com suas identidades sociais pré-estabelecidas pela situação de comunicação. É possível perceber a ligação de Brum com suas personagens, além de apreender como em momentos pontuais ela se torna a personagem central, o que nos conduziu a considerar no recorte da análise, essa relação de repórter-personagem.

### **Jornalismo literário e humanização do relato**

O jornalismo e a literatura possuem um fio condutor em comum: contar histórias. Enquanto o primeiro tem o compromisso com a realidade, sendo o jornalista segundo Bulhões (2007, p.21) “o transmissor legítimo da realidade dos acontecimentos”, à literatura não interessa a realidade factual, podendo inclusive ressignificar e criar novas realidades. Embora muito distintos, os dois campos nunca deixaram de se entrecruzar durante a história. No entanto, nem sempre foi ou é assim.

O jornalismo convencional é caracterizado por sua padronização textual, visando a objetividade e precisão da informação. A fórmula do lead estabelece um formato onde as principais repostas dos acontecimentos devem ser respondidas no primeiro parágrafo: “O quê?”, “Quem?”, “Quando?”, “Como?”, “Onde?” e “Por quê?”. Esse modelo americano começou a ser utilizado principalmente na segunda metade do século XX, conduzindo o profissional a produzir notícias cotidianas em grande escala, atendendo a demanda do público moderno, preocupado principalmente com a urgência da informação.

O jornalismo atual é mecânico, calculista, automático, frio. O texto geralmente não é estético, não se preocupa em situar o leitor, ouvinte, telespectador, naquilo que está sendo noticiado. Noticia-se de forma estanque, segmentada. Não se passa a sensação do todo, que envolve aquele fato ou personagem noticiada. (VICCHIATTI, 2005, p.11).

Segundo Lima (2003), o *new journalism* surgiu nos Estados Unidos, na década de 60, como uma alternativa ao jornalismo objetivo e distanciado dos fatos. A reportagem se transforma num texto quase literário, reconstruindo os acontecimentos a partir da vivência do repórter. O novo jornalismo abandona as antigas regras que regiam a profissão, como distanciamento, neutralidade, objetividade, dando agora a liberdade de criação, com um texto que mescla elementos da literatura e do jornalismo.

De acordo com Pena (2006) o jornalismo literário vai muito além do que apenas “fugir das amarras da redação”, é preciso uma série de itens que são chamados de as sete pontas do jornalismo. Primeiro é preciso potencializar os recursos do jornalismo, ou seja, os princípios básicos da profissão, como ética e apuração minuciosas, observação, etc., são características que continuam de extrema importância. A segunda é ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano e não permanecer preso ao *deadline* e a factualidade do assunto. Na terceira ponta é necessário que o jornalista proporcione uma visão ampla do acontecimento, de modo a contextualizar as informações de modo mais abrangente. Exercer a cidadania plenamente é a quarta ponta, o jornalista precisa ter compromisso com a sociedade. A quinta ponta é deixar de lado as regras do lead. O sexto item é evitar os definidores primários, ou seja, as fontes oficiais, que ocupam algum cargo público, advogados, médicos, cientistas. Talvez elas sejam necessárias, mas é preciso ir além e ouvir o cidadão comum, pontos de vistas diferentes. A última ponta é garantir a perenidade, pois como o texto literário não permanece preso a factualidade, ele precisa continuar atual com o passar do tempo.

O jornalismo literário tem como objetivo mostrar além da objetividade das notícias diárias. O texto ganha consistência, apuração minuciosa, preocupação estética e com as questões sociais. É comum que o jornalista literário afira uma humanização em seu relato, conferindo uma dimensão humana real a seus personagens, seja nas suas qualidades, fraquezas ou limitações. Mas é preciso ressaltar que a humanização está além de colocar personagens como centro de uma matéria, o jornalista precisa despir-se dos seus preconceitos e estigmas.

Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência – dos seus entrevistados e da sua própria consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. (IJUIM, 2016, p.9).

Para conferir veracidade ao seu relato, o jornalista precisa se debruçar sobre o entrevistado, ouvi-lo, buscando compreendê-lo. Um nome de referência no jornalismo literário e humanizado no Brasil é o da gaúcha Eliane Brum, uma das jornalistas brasileiras mais premiadas. Preocupada com as questões humanas, engajada socialmente, é uma escritora de grandes reportagens, com preocupação estética e social. Suas matérias são marcadas pela presença de descrições, diálogos. “Na apuração de

minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas.” (BRUM, 2008, p.14). Sobre os diálogos sempre presentes em suas reportagens, Brum (2008, p.38) afirma que “como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta... Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos”.

### **A narrativa humanizada de Eliane Brum**

Durante os onze anos que trabalhou como repórter no jornal Zero Hora, a jornalista realizou alguns feitos, em 1993 refez a marcha da Coluna Prestes, foram 44 dias percorrendo os mesmos 25 mil quilômetros feitos pela tropa rebelde ouvindo os depoimentos dos que testemunharam a passagem da Coluna Prestes. A série de reportagens publicada um ano depois, rendeu uma menção honrosa do Prêmio Vladimir Herzog e a publicação do livro “Coluna Prestes – O avesso da Lenda” em 1994, que a fez receber o prêmio Açorianos de autora-revelação.

Ainda no Zero Hora, recebeu o convite de Marcelo Rech em 1998 para escrever crônicas sobre pessoas reais e situações corriqueiras, que rendeu 46 colunas durante 11 meses todos os sábados. Foi escrevendo sobre situações e personagens que provavelmente não virariam notícias, mostrando vidas comuns de um jeito humano e poético, que a jornalista ganhou o prêmio Esso regional de 1999. Já em 2006 uma seleção dessas crônicas foi publicada como o livro “A vida que ninguém vê”, ganhador do prêmio Jabuti 2007 de melhor livro reportagem.

Convidada por Augusto Nunes para ser repórter especial na Revista Época, em 2000 ficou até 2010, escrevendo grandes reportagens. Desses anos percorrendo o Brasil escutando e escrevendo histórias da vida real, surgiu o livro “O olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real”, lançado em 2008 com dez reportagens e seus bastidores. Além dos cinco livros de não ficção, a repórter publicou em 2011 seu primeiro romance “Uma Duas”, além de ter participado de coletâneas de contos, crônicas e ensaios. Como documentarista, dirigiu quatro filmes: “Uma história Severina”, “Gretchen Filme Estrada”, “Laerte-se” e “Eu+1 – uma jornada de saúde mental na Amazônia”, onde demonstra mais uma vez seu olhar sensível para as minorias e causas sociais.

Jorge Ijuim, professor de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina, estudioso do jornalismo humanizado destaca o trabalho de Eliane Brum como referência para suas pesquisas nesse assunto, e ressalta os elementos que a torna uma jornalista comprometida com suas personagens.

Quem acompanha o trabalho de Eliane Brum percebe sua postura sempre respeitosa diante das fontes e do público. Esta lhe tem assegurado tratar de qualquer tema sem prejulgamentos, sem preconceitos, sem correr qualquer risco de estereotipar ou cair em generalizações apressadas. Em seu percurso no jornalismo transparece suas marcas de visão de mundo – abertura de mente e de espírito para compreender a complexidade da vida. (IJUIM, 2012, p. 133).

Eliane Brum demonstra essa empatia por seus personagens em cada reportagem. Deixa claro que nenhuma reportagem é mais importante que uma pessoa. “Nós sempre temos de dar para cada um que nos honra com a história de sua vida a explicação clara, honesta de que isso vai ser contado para milhões de pessoas, vai se transformar em documento.” (BRUM, 2008, p.129). Ciente da complexidade de personagens com que Eliane Brum trabalha em suas reportagens, e que seus relatos vão ser contados e transformados em documento, que este estudo busca compreender as identidades femininas demonstradas no livro *O Olho da Rua*, sob a luz dos conceitos de identidade social e discursiva, na competência comunicacional.

Não é finalidade aqui propor uma identificação completa, sobretudo, porque como afirma Charaudeau (2009), é impossível a captação total de uma identidade, o que pode ser apreendido é o que denomina de “traços identitários” que se formam, se constroem durante a troca de olhares, durante o contato discursivo. Antes, no entanto, se faz necessário discorrer, de forma breve, sobre a noção de identidade.

### **Identidade social e identidade discursiva**

A princípio, é preciso compreender o conceito de identidade como aquilo que possibilita o sujeito a tomar consciência de sua existência. Esse processo se dá através da tomada de consciência do seu corpo, do seu saber, dos seus julgamentos e de suas ações. Porém, para o despertar dessa consciência é necessário perceber a diferença em relação ao outro. Segundo Charaudeau (2009) é essa percepção do outro que move a descoberta, e a busca de compreender o que é diferente. A percepção da diferença, não

deixa de se tornar uma ameaça, que se transforma em julgamento negativo. O que pode se transformar em estereótipo, preconceito, como uma forma de proteção a diferença do outro, que é vista como ameaça a sua própria identidade. Percebendo os mecanismos complexos necessários para a tomada de consciência da identidade, que ela não é fechada em si, e não são identidades globais, mas estão em processo de construção, procuramos entender quais são os traços formadores de identidade. Desse modo, Charaudeau (2009) entende a identidade formada por dois componentes, a identidade social e a identidade discursiva.

Desse modo, as identidades são construídas com seus atos de discurso, combinadas com sua identidade social que precisará ser reiterada, reforçada, recriada ou mesmo ocultada pelo comportamento da linguagem do sujeito falante. A identidade social é a que confere ao sujeito seu “direito a palavra”, que funda a sua legitimidade, possui a necessidade de ser reconhecido pelos outros. É reconstruída institucionalmente, é em parte determinada pela situação de comunicação. É construída e pré-estabelecida socialmente, podendo ser reconstruída, mascarada ou deslocada. A identidade discursiva é constituída pelo sujeito falante, dependendo de sua credibilidade e captação. A credibilidade está ligada a necessidade que se acredite nele, defendendo uma imagem de si mesmo, adotando para isso algumas atitudes discursivas como: neutralidade, distanciamento e engajamento. Na neutralidade, o sujeito busca deixar de lado qualquer traço de julgamento, relatando o que viu ou experimentou, assim “o discurso testemunhal é um discurso da verdade “em estado bruto” que não pode, por definição, ser questionada.” A atitude de distanciamento o sujeito se mantém frio e distante, com uma postura de especialista, seja para comentar os resultados de um estudo ou para demonstrar uma tese. Já na de engajamento, ao contrário da de neutralidade, o sujeito opta por uma tomada de posição argumentativa, construindo a imagem de um ser de convicção, influenciando o interlocutor.

Já quando o eu-falante não está numa relação de autoridade para com o interlocutor, é preciso usar as estratégias de captação, para assegurar a troca comunicativa. Para tentar persuadir ou seduzir o outro, portanto o sujeito pode adotar as seguintes atitudes discursivas: atitude polêmica, o sujeito busca se antecipar, para eliminar as objeções que os outros possam apresentar; atitude de sedução, “propondo ao interlocutor um imaginário no qual desempenharia o papel de herói beneficiário”, assim as personagens podem servir de modo de identificação ou rejeição pelo interlocutor;

atitude de dramatização, onde o sujeito fará uso de suas emoções e valores afetivos, descrevendo sua vida, dramas, com relatos emocionados, com metáforas e analogias.

Assim, a identidade discursiva se constrói com base nos modos de tomada da palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários socio-discursivos. Ao contrário da identidade social, a identidade discursiva é sempre algo “a construir-em construção”. Resulta de escolhas do sujeito, mas leva em conta, evidentemente, os fatores constituintes da identidade social. (CHARAUDEAU, 2009, p. 9).

Estabelecido isso, é necessário ressaltar que esse jogo entre a identidade social e a identidade discursiva, e a influencia a partir daí, só podem ser consideradas dentro de uma situação de comunicação. Será essa situação de comunicação, que determinará antecipadamente, de acordo com o contrato que a define, as identidades sociais dos parceiros. Segundo Charaudeau (2009) é esta situação comunicacional, que definirá alguns traços da identidade discursiva, dando somente a possibilidade do sujeito falante de escolher mostrar-se de acordo com a identidade social, respeitando-a, ou de modo a mascara-la, subvertê-la ou transgredi-la. Portanto essa reflexão sobre a identidade social e a identidade discursiva, serve de base para o modelo de análise comunicacional proposto por Charaudeau (2009), utilizando três tipos de competências e três tipos de estratégias.

A competência comunicacional (ou situacional) é colocada pelo autor como a aptidão do sujeito em reconhecer a estrutura e restrições da situação de comunicação. Será essa situação que determinará as características de identidade social dos parceiros falantes, a relação estabelecida entre eles, e esses traços de identidade comunicacional que irão legitimar e estabelecer a relação de força entre eles. A competência semântica é a que possibilita uma enunciação organizada, narrativa argumentativa do discurso. É na competência semiolinguística, que a identidade discursiva se corporifica, onde o sujeito demonstra a capacidade em combinar formar de acordo com as restrições da língua, do quadro situacional e dos dados da organização discursiva.

De acordo com o contrato de comunicação, o sujeito pode a partir daí, de acordo com as metas de influência que pretender exercer, escolher a organização do discurso, os modos de construção textual, relacionados a suas crenças e conhecimento. Essas estratégias podem ser agrupadas em três: a estratégia de legitimação, mostrando que sua fala e sua maneira de falar correspondem à posição de autoridade que seu status lhe



confere; a estratégia de credibilidade que leva o sujeito a precisar atestar que o que diz é confiável; enquanto a estratégia de captação leva o sujeito falante a fazer com que o interlocutor adira e reconheça o que ele diz.

Portanto, as representações sociais são estruturadas a partir dos imaginários sócio-discursivos, e são assim chamadas por circularem nos grupos sociais, resultantes de distintos saberes, crenças, experiências e erudições. Charaudeau (2009) afirma que “dentre essas representações, e sem que se possa distinguir com clareza suas diferentes dimensões, algumas são de ordem cultural, outras de ordem societal, outras ainda de ordem comunitária e outras de ordem grupal.”. Assim, não podemos afirmar a captação total de uma identidade, pois, além de estar em processo de construção é formada por “traços identitários”, resultante de um “entrecruzamento de olhares”, entre sujeito falante e sujeito interpretante neste jogo social de trocas de máscaras.

### **A literatura da vida real**

Na obra escolhida para este estudo, “O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real”, a jornalista mostra que para fazer reportagem é preciso se arriscar e ir pra rua, buscando “o que torna a vida possível apesar de tudo, a delicadeza na brutalidade do cotidiano, a vida na morte.” Ao fim de cada reportagem, ainda traz um pouco sobre os bastidores de cada matéria, os dilemas internos enfrentados pela reponsabilidade de narrar sobre vidas, os erros, acertos, descobertas, e questionamentos sobre o fazer jornalístico. Com personagens tão reais que parecem inventados, desvenda os muitos Brasis ainda escondidos pelo véu da invisibilidade, preconceito e estereotipo.

O livro começa com a reportagem *A floresta das parteiras*, onde a repórter narra o que viu e ouviu das mulheres que aparam a maioria dos filhos nascidos ali. Fica internada em um asilo em São Paulo, vivendo com os idosos, narrando suas dores, solidão, amores e esperança. Escreve sobre a vida em Brasilândia, periferia de São Paulo, e sobre as mães de filhos que morrem antes dos 20 anos, assassinados. Um livro repleto de histórias reais, que busca a literatura da vida real, compreendendo a complexidade humana.

É possível observar o quanto as mulheres estão presentes nas reportagens de Eliane Brum, desde as mulheres idosas, as indígenas, negras e periféricas, do norte do país ao sul, possibilitando uma diversidade de identidades narradas. O Guia para

Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia elaborado pela ONU, em 2011 já discutia sobre como o jornalismo pode vir perpetuando preconceitos e estereótipos, e os caminhos para mudar essa prática.

O imaginário social reúne ideias, representações e percepções dos papéis sociais expressas negativa ou positivamente sobre as mulheres em geral, com destaque para as mulheres negras e indígenas. O racismo, o sexismo e o etnocentrismo são agentes estruturais na fabricação desses estereótipos reproduzidos nos textos, nas imagens e nas sonoras veiculados pela mídia impressa, radiofônica, televisiva e digital. (BASTHI, 2011, p. 39).

Considerando que a própria Eliane Brum tem consciência de seu papel e de sua responsabilidade social enquanto jornalista, quando afirma: “eu acredito na reportagem como documento da história contemporânea, como vida contada, como testemunho. Exerço o jornalismo sentindo em cada vertebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história acontecendo.” (BRUM, 2008, p.14), e que a própria repórter se coloca como personagem de uma reportagem quando participa de um retiro vipassana, onde fica dez dias sem falar e 120 horas sem se mexer, e conta a partir de sua perspectiva essa experiência, concebendo ainda o jornalismo uma ferramenta importante para discussão e desconstrução de crenças e preconceitos, esse estudo busca compreender, ou pelo menos elencar aspectos e dimensões das identidades de mulheres que são sujeitos sociais e personagens destas narrativas.

### **Da floresta ao morro: as mulheres de O Olho da Rua**

Das dez reportagens apresentadas no livro, podem ser encontradas personagens femininas em sete delas, inclusive a própria repórter se torna personagem em “O inimigo sou eu”. É possível encontrar cerca de 50 mulheres apresentadas ao longo da obra, mas vale salientar que nem todas são protagonistas das narrativas. Diante da riqueza e complexidade dessas personagens, e da impossibilidade de contemplar as histórias de todas as 50 mulheres, muitas tiveram que ficar de fora, e para esse estudo, foram selecionadas três personagens. Portanto, foram escolhidas duas reportagens que tem por premissa, apenas personagens femininas, e a que elas são figuras centrais. Assim, foram escolhidas as reportagens: “A floresta das parteiras” e “Mães vivas de uma geração morta”.

## As parteiras

Na reportagem “A floresta das parteiras” que abre o livro *O olho da Rua*, Eliane Brum adentra a Amazônia, para tentar dimensionar a força feminina no Amapá, extremo norte do Brasil, onde o dom de “pegar menino” passa de geração em geração, e resiste. Assim Eliane Brum começa sua reportagem:

Elas nasceram do ventre úmido da Amazônia, do norte extremo do Brasil, do estado ainda desgarrado do noticiário chamado Amapá. O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo, a toada de suas cantigas. Muitas desconhecem as letras do alfabeto, mas leem a mata, a água e o céu. Emergiram dos confins de outras mulheres com o dom de pegar menino. Sabedoria que não se aprende, não se ensina, nem mesmo se explica. Acontece apenas. Esculpidas por sangue de mulher e água de criança, suas mãos aparam um pedaço do Brasil. (BRUM, 2008, p. 19).

Maria dos Santos Maciel, a Dorica, índia de 96 anos, é a mais velha parteira do Amapá. Mais de dois mil índios nasceram por suas mãos, enquanto não conseguiu ter nenhum filho seu, sofreu 16 abortos. Dorica conta que a parteira não tem escolha, e se pudesse escolher nem teria o dom de pegar menino, e gostaria de se aposentar dessa vida. Quando a hora chega, acompanha cada mãe por oito dias, ajudando-a com a lida da casa, e do pós-parto, e por isso não recebe pagamento algum. A repórter então apresenta a primeira personagem da reportagem das parteiras:

Pegar menino é ter paciência”, recita a caripuna Maria dos Santos Maciel, a Dorica, a mais velha parteira do Amapá. Aos 96 anos, mais de 2 mil índios desembarcaram no mundo pelas suas mãos pequenas, quase de criança. Dorica – avó, mãe, madrinha de centenas de filhos de pegação – nem mesmo gostaria de possuir o dom. “O dom é assim, nasce com a gente. E não se pode dizer não”, explica. “Parteira não tem escolha, é chamada nas horas mortas da noite para povoar o mundo. (BRUM, 2008, p. 20).

A partir das falas de Dorica, podemos observar uma resignação pelo ofício de parteira, ainda mais quando se lembra do fato de nunca ter conseguido ter um filho seu.

A parteira lembra dos dezesseis abortos de seu ventre, impedida de ter um filho seu por desígnios que não lhe cabem indagar. “Tô cansada”, diz. “Queria pedir a Deus o meu aposentamento de parteira.” (BRUM, 2008, p. 21).

A jornalista acompanha o dia a dia da mulher que já com 96 anos continua dedicada ao dom de pegar menino, sem a pressa dos médicos da cidade.

Assim, Dorica crava os pés nuns no chão sempre que alcança o destino e acocora-se acocora-se entre as pernas da mulher. Alexandrina abraça o corpo da gestante com as pernas, por trás. Das entranhas do corpo feminino Dorica nada arranca, apenas espera. Puxa a barriga da mãe endireitando a criança. Lambuza o ventre com óleo de anta, arraia ou mucura para apressar as dores, recita rezas e encantamentos para consumir o mistério. Perfura a bolsa com a unha e corta o cordão umbilical com a flecha. “Pegar menino é esperar o tempo de nascer”, ensina. “Os médicos da cidade não sabem e, porque não sabem, cortam a mulher.” Por oito dias Dorica abandona a roça de mandioca. É missão da parteira lavar, cozinhar, puxar o útero toda manhã e toda tarde para que a mulher fique sã. É obrigação pentear o seio com pente fino e água de uma cuia branca para que o leite jorre entre os lábios do menino. É sabedoria aspirar o nariz do bebê com a boca até ouvir o choro. Ao final desse tempo, Dorica entrega a mulher ao marido: “O que eu podia fazer pela sua mulher eu já fiz. Agora você tem de cuidar da família”. O marido agradece. “Se eu puder lhe dar alguma coisa, lhe dô”, afirma. E Dorica responde: “Deus dá o pago”. E o diálogo se encerra. É tudo. E é assim há bem mais de quinhentos anos. (BRUM, 2008, p. 21).

Como já pontuado por Charaudeau (2009), a identidade social precisa ser atribuída, reconhecida e legitimada por outro sujeito, e será determinada em parte pela situação de comunicação. Portanto, a identidade social deve responder algumas questões: “Ela deve responder à questão que o sujeito falante tem em mente quando toma a palavra: “Estou aqui para dizer o quê, considerando o status e o papel que me é conferido por esta situação?” (CHARAUDEAU, 2009, p.7). Assim, no contrato comunicacional entre Eliane Brum e a Maria dos Santos Maciel, a Dorica, sua identidade social pré-estabelecida é o de índia e parteira, que está ali para falar de sua experiência.

Já a atitude discursiva é construída pelo sujeito falante, de acordo como o sujeito irá falar, dependendo assim, de duas estratégias, a de “credibilidade” e “captação”. Sendo assim, pode-se observar como Dorica assume a atitude discursiva de engajamento, pois traz em seu discurso traços além do apenas testemunhal do que viu e viveu, mas toma uma posição de convicção que defende seu ofício, embora não tenha escolhido tal ocupação para si. Adota argumentos, ou adota uma modalização avaliativa sobre as diferenças entre as parteiras e os partos realizados na cidade, a fim de convencer e influenciar o interlocutor.

É nesse “jogo” entre identidade social e identidade discursiva que acontece a influência discursiva. Segundo Charaudeau (2009) é de acordo com as intenções do sujeito comunicante ou do sujeito interpretante, as duas identidades se aderem e formam uma única, ou seja, “essencializada”. Podendo assim ser:

“eu sou o que eu digo”/ “ele é o que ele diz”), ou se diferencia formando uma identidade dupla de “ser” e de “dizer” (“eu não sou o que eu digo”/“ele não é o que ele diz”). No último caso, ou se pensa que é o “dizer” que mascara o “ser” (mentira, ironia, provocação), ou se pensa que o “dizer” revela um “ser” que ignora a si mesmo (denegação, revelação involuntária: “sua voz o traiu”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 9).

Portanto, no caso da personagem Dorica, é possível observar dois movimentos, o de revelação involuntária, que nega sua identidade social quando afirma que sequer gostaria de ser parteira. Mas na maior parte de seu discurso acontece a reativação da identidade, ou seja, a identidade social pré-estabelecida corresponde ao seu discurso. Ao fim da reportagem, a jornalista ressalta a importância da linguagem das parteiras e como transmitir isso fielmente em seu texto, pois mais do que elas falam, e sim como falam, diz muito sobre elas.

A riqueza da linguagem das parteiras e a forma como cada uma se expressa é o coração desta reportagem. As palavras também nasciam dessas mulheres extraordinárias de parto natural. E emergiam como literatura da vida real. Elas falavam tão bonito, com uma variedade e uma fundura tão impressionantes, que meu trabalho era mínimo. Bastava escutar e anotar cada suspiro para não perder nada. Nem que eu quisesse, nem que eu estivesse fazendo ficção e pudesse inventar, eu chegaria perto da beleza com que elas se expressavam. Especialmente nesta reportagem, meu trabalho de repórter foi apenas escutar, prestar atenção em cada gesto, ênfase, trejeito e passar isso tudo para o papel. Foi quase uma psicografia de gente viva. (BRUM, 2008, p. 38).

Portanto, é possível observar com esse exemplo como a questão identitária é complexa, justamente por resultar do entrecruzamento de olhares do sujeito comunicante e do sujeito interpretante, mas é necessário evitar a essencialização do sujeito constituído de uma identidade única e fixa.

## Mães vivas de uma geração morta

Na reportagem “Expectativa de vida: vinte anos”, a jornalista mostra o retrato de uma geração que morre antes dos vinte. Mortes com idade, cor e classe social, que acontecem em periferias por todo o Brasil, e pra contar essa história, ela divide seu texto em duas partes, “O sobrevivente”, na qual narra a história de Sérgio Cláudio de Oliveira Teixeira, o Serginho Fortalece, apresentado como o único sobrevivente do documentário “Falcão – Meninos do tráfico”. Na segunda parte, mostra essa realidade sob um novo olhar, ela resolve escutar as mães desses jovens assassinados em “Mães vivas de uma geração morta”.

É este segundo momento que se inicia com trechos dos relatos de diversas mães, uma delas é Eva Sebastiana Araújo de 55 anos, de Brasilândia, zona norte de São Paulo, quando ainda estava grávida apanhava, levava chutes e facadas do marido. Quando crescidos eram seus filhos que a protegia das agressões. Perdeu os três filhos assassinados, ela sobreviveu. Eliane inicia sua história que recebe o subtítulo “Uma faca no útero” assim:

Eva acordou com as facadas que o marido desferia contra o corpo dela. Enfiou a faca na vagina, queria alcançar o útero “Você é uma cobra, que bota os filhos no mundo para matá-los”, berrava. Eva mostra o corpo em que o mapa de sua vida tem dolorosa geografia. Marcas de cigarro, cicatrizes de facadas, socos. Mais dois meninos foram assassinados, e o pai acreditou com mais força no pecado original de Eva. “Agora que o último morreu, quero ver quem vai te defender”, disse ele. Grávida do primogênito, ele lhe dava chutes na barriga, bateu com cabo de aço, cortou-lhe a perna. Pisava em cima do pé, a carne abria. Aos treze anos, o garoto andava com dois revólveres na cintura. “Pai, amo muito o senhor, mas se tocar na mãe de novo eu te mato.” E o pai não tocou. (BRUM, 2008, p. 207).

Mesmo com todas as agressões e a morte dos filhos, Eva tenta encontrar algum sentido nisso tudo.

Às vezes penso que foi por isso que morreram. Para não matar o pai e ficar sem salvação com Deus. Mas ele era um bom pai. Não batia neles. Só em mim. Minha cabeça bate. Parece que tem um tambor. Ouço esse barulho dia e noite. Eu todo dia olho pro céu e não acredito que estou aqui e não no hospício. Não acredito, não acredito, não acredito. (BRUM, 2008, p.207).

No seu sofrimento Eva afirma que esqueceu tudo, “Depois que perdi esses meninos meus, minha cabeça está tão ruim que não lembro de mais nada, nada, nada. Pedi muito a Deus que me tirasse a memória.” (BRUM, 2008, p.208). Tal pedido ainda não fora atendido, Eva não perdeu a memória, mas perdeu os dentes, diz que não chora mais, e em seguida começa a chorar. Neste trecho Eliane mostra como a estratégia de discurso constrói diversas máscaras de identidade psicológica.

Aos 55 anos, o que Eva perde não é a memória, mas os dentes. Desde que o terceiro filho morreu, eles amolecem e caem. “Pronto. Perdi tudo. Morreu tudo. Tudo, tudo, tudo.” Ao iniciar sua narrativa de morte, Eva avisa: “Fiquei fria, não choro mais, não sinto mais nada. Nada, nada, nada”. Então começa a chorar e não para mais até o ponto final. A história de sua vida sai encharcada. Zeus, na mitologia grega, compadeceu-se do pranto de Níobe, cujos sete filhos e sete filhas foram mortos. Na lenda ele transformou aquela mãe numa rocha que verte água. Foi a forma encontrada pelos antigos para representar a dor sem nome. Mães que perdem filhos assassinados são pedras que choram. (BRUM, 2008, p. 208).

Nessa reportagem, podemos perceber como a identidade social, ou seja, os traços psicológicos, atribuídos e pré-construído, da personagem é a de mãe, tanto pela filiação biológica, quanto pelo que a lei determina. Mas são pelos seus atos de linguagem que Eva constrói suas diferentes identidades de mãe: cuidadora, presente, que sofre, autoritária, etc. Como afirma Charaudeau (2009, p.3) “Estas identidades são construídas através de atos de discurso. Em seu conjunto, sua identidade de “ser” resultará da combinação de atributos de sua identidade social com tal ou qual traço construídos por seus atos de linguagem.” É possível observar que nesse contexto a mãe adota a atitude discursiva testemunhal, de acordo com Charaudeau (2009), assume a atitude de testemunha para constatar e falar o que viu, ouviu, viveu. Sendo assim um discurso em “estado bruto”, que não pode ser contestado.

Como modo de captar o leitor, o interlocutor deverá tentar persuadir (fazer pensar recorrendo à razão) ou seduzir (fazer sentir recorrendo à emoção), mas também por se tratar de uma reportagem do gênero jornalismo literário, Eliane Brum recorre a uma atitude de dramatização. Onde a maneira de contar e descrever fatos dos dramas da vida, são cheios de analogias, comparações, valores afetivos, de modo a fazer o outro sentir certas emoções.

A própria Eliane Brum explica um pouco em como retratar essas mães era importante pra ela, na sua reflexão “Olhar para ver” ao final da reportagem, onde fala

que essa história era importante olhar para ver a realidade invisível, onde “olhar pra ver é o ato cotidiano de resistência de cada repórter, de cada pessoa.” E explica que quando de trata das mães dos meninos do tráfico, normalmente há duas maneiras de não vê-las. O primeiro é quando achamos que não as conhecemos, quando na verdade são elas as mulheres invisíveis que trabalham na nossa casa, ou limpam nossas ruas, nossas empresas, fazem nossa comida, e são mal pagas por nós.

A outra maneira de não vê-las é o que vemos delas: “mães de bandido”. Como se defini-las como “mães de bandido” fosse capaz de dar conta do todo que elas são. Ao lançar esse não olhar sobre elas as colocamos bem longe de nós. Elas se transformam em um outro quase de uma espécie diferente. E por isso um outro que pode ser ignorado. O mais violento nesse olhar que não vê é que partimos essas mulheres em duas. De um lado, são aquelas que servem para cuidar de nossos filhos. De outro, são aquelas que fracassaram em cuidar dos delas. A cada narrativa busquei contar não só das palavras, mas da forma de falar, dos gestos que desmentiam o que era dito, das repetições, das negações, dos silêncios. Como Eva da Brasilândia, que repetia três vezes o final de cada frase – e dizia que não sentia mais dor chorando. Eu queria dar ao leitor a oportunidade de ver pelos meus olhos os detalhes, as texturas, as ausências e os excessos de seu inferno pessoal – e também todas as nuances do que as fazia sobreviver. O desafio era mostrar uma imagem inteira dessas mulheres – ou pelo menos uma que não ocultasse nenhuma parte essencial. E assim aproximá-las do leitor, de modo que não pudessem mais ser ignoradas, que se tornasse inescapável reconhecê-las nas ruas, no trabalho, em casa (BRUM, 2008, p. 242).

Portanto, a repórter tinha como objetivo ao fazer essa reportagem dimensionar quem era essas mulheres para além de suas identidades sociais pré estabelecidas apenas como “mães de bandido”, mas vê-las de verdade.

### **Considerações finais**

Seja no jornalismo ou na literatura, algumas vezes a forma como se conta uma história é tão ou mais importante que a história em si. Eliane Brum é um nome de destaque nacional no que diz respeito ao jornalismo literário e relato humanizado. Seus textos, assim como suas produções audiovisuais trazem uma preocupação estética na narrativa, assim como uma abordagem sensível com a vida e a realidade de seus personagens. É possível perceber na obra da jornalista, assim como neste livro, um caráter sociológico para além do jornalístico, pois a autora consegue conhecer a



realidade de suas fontes, mergulha sem reservas. Segue suas rotinas, passa por suas experiências do dia a dia, busca entender seus padrões, valores, comportamentos, procurando enxergar com o olhar dessas pessoas, aproximando-se o máximo possível da compreensão.

Ao observar o jornalismo como um formador de opiniões, capaz de influenciar visões de mundo, representações, debate público, buscar entender de que forma o jornalista pode contribuir para um mundo mais igualitário se faz necessário. O jornalismo convencional vem perpetuando estereótipos de todos os tipos, e invisibilizando minorias históricas, assim, é urgente trazer a discussão de produções que se preocupam com suas fontes, e buscam trazer uma pluralidade de vozes, incluindo os que outrora foram discriminadas.

Portanto, como jornalista mulher, se faz necessário olhar para outras jornalistas, e como elas estão narrando as histórias de mulheres, outrora colocadas apenas em lugares de violência e preconceito. É essencial que se busque um jornalismo que aborde as questões de gênero, etnia, raça e sexualidade. Buscar formas que humanize as mulheres negligenciadas e pertencentes a outras minorias, exercitando um olhar de empatia e que não reproduza um discurso que irá corroborar com o imaginário e crenças de violências, de mulheres sujeitas aos homens, etc. Assim, como também se faz necessário que essas mulheres invisibilizadas ocupem lugar de “poder” ao se tornarem donas de sua própria história e produtoras de saberes.

## Referências

BASTHI, Angélica. **Guia para jornalistas sobre gênero, raça e etnia**. Brasília: ONU Mulheres; Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia (Fundo de Alcance dos Objetivos do Milênio, F-ODM), 2011.

BORTOLI, S. “Jorge Kanehide Ijuim”: Sobre o jornalismo humanizado. In: **Revista Alterjor**, v. 13, n. 1, p. 5-13, 2 maio 2016.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326., 2009. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em 11 de maio de 2019.

IJUIM, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. In: **Revista Comunicação Midiática**, v.7, n.2, p.117-137, maio/ago. 2012.

LIMA, Edvaldo Pereira. **New journalism**: a reportagem como criação literária. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo**: comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.